



Paz interior

Inside Peace

Juliano Klevanskis Candido*

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte, Brasil
literatices@yahoo.com.br

Quando presenciei os combates na Faixa de Gaza e no sul do Líbano, há alguns anos, decidi engajar-me na busca pela paz. Fui a Jerusalém – em árabe, Al Qods; em hebraico Yerushalayim – para pedir a paz entre palestinos e israelenses. Os seguranças permitiram-me apenas ver de longe a entrada da Knesset – o Parlamento israelense. Então decidi comer um falafel na Ben Yehuda e praticar a versão moderna do idioma do Velho Testamento.

Rumei até a Academia da Língua Hebraica, onde percebi, nos fundos do edifício, uma pequena e discreta porta, ou melhor, uma passagem proibida. Ao sair dali, vi que a paisagem externa se modificara: havia outros locais históricos, museus, praças e montanhas. Eu não entendi exatamente onde (ou quando) estava, mas a curiosidade me motivou, pois por sorte talvez tivesse a oportunidade de conversar com algum habitante do lugar. Na realidade, não havia outro país ou outro povo, adentrei o mundo dos romances, nos recantos mais secretos da imaginação dos escritores. Eu estava de fato nos recantos da literatura.

Assim, eu me detive em uma rua, observei uma velha casa do bairro antigo de Jerusalém e vi uma mulher debruçada à janela.

Era uma jovem de dezoito anos, a me olhar. Ela me convidou para entrar em sua casa, lá só havia uma cadeira, e me permitiu sentar. Ela me falou sobre a esperança de alcançar a paz: “sou pró-Israel e pró-Palestina, pois estou a favor da paz”. Então segui o meu caminho, carregado com suas ideias, sobre um país que se dividisse em dois, em vez de se destruir. Nessa terra, cada país pode, a qualquer momento, se unir, cada ser com sua família, mas nunca se autodestruir. Essa mulher da janela, que eu não perguntei o nome, disse-me que era de Tel Aviv.

Em seguida encontrei Orah. Seu nome significa “luz”, e ela é a personagem deste relato que me fez entender o mundo em que vivemos. Ela me contou sua fascinante história, sua frustração com a guerra, sua aversão às armas. Adentrei em suas dores secretas, suas tristezas familiares, seus sonhos desfeitos. Orah fulgurou minha mente,

* Doutorando em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais.



mas ela parece desolada e desesperançada. No final, eu me emocionei muito e nos despedimos.

A segunda pessoa que me convidou à sua casa foi Momik. Ele me mostrou seu quarto de dormir e sua cozinha. Com ele aprendi que o entendimento pode ser a ponte entre os povos. Momik é de Jerusalém, os pais sobreviveram ao Holocausto, e passou toda a infância aterrorizado, apesar do silêncio dos adultos. Mas ele desconfiava, pois, a realidade lhe mostrava: “meus pais e meus avós tinham muitos pesadelos, às vezes até gritavam”, e acrescentou: “E eu acabei descobrindo que os números tatuados no braço eram tatuagens feitas pelos nazistas”. Com Momik aprendi que quando uma criança presencia uma guerra ela já não é mais uma criança. Havia em seu coração um pouco de loucura também.

Meu terceiro encontro foi quase engraçado. Ele, que não me disse o nome, pronunciava determinadas palavras com sotaque árabe, mas dissimulava hábitos de jovens judeus, o que era curioso. Refiro-me a ele como o Homem da Janela. Ele me mostrou parte da tragédia árabe: a incapacidade de muitos judeus de imaginar o outro lado. Ambos os lados, árabes e judeus, possuem amores e medos. A guerra, às vezes, impera, e nós deixamos o instinto do desinteresse vencer o instinto da curiosidade. Com o Homem da Janela conheci a outra literatura, a palestina. O Homem da Janela disse ser um escritor de Nablus. Para que haja a paz, é conveniente ler poesias israelenses e palestinas. Leremos poemas dos dois lados e aprenderemos o que faz os dois lados ter medo ou raiva, ou sentimentos bons, mas principalmente o que lhes dá esperança. Com este ser humano de Nablus, nesta manhã, compreendi que para mudar o mundo é necessário literatura.

O terceiro encontro foi com o estudante Shmuel Asch, de olhar profundo e cicatrizes no rosto. Segundo ele, essas eram marcas deixadas pela história turbulenta do seu povo, marcas das guerras. Há algumas décadas, ele abandonou os estudos na universidade e interrompeu sua pesquisa devido aos apuros que passou. Com bastante coragem e profunda inteligência e paixão, ele diz que coração da tragédia palestina foi o estabelecimento de um estado exclusivamente para os judeus. Com ele entendo que seria possível eleger um caminho histórico diferente.

Em seguida, conheci Ionatan Lifschitz e Azaria Guitlin. Ionatan, de 26 anos, é filho do líder de um kibutz próximo à fronteira com a Síria. Ele se mostrou descontente com a rotina monótona da comunidade rural e me disse: “um dia um homem se levanta e muda de um lugar para o outro. O que ele deixa para trás de si fica para trás e só lhe vê as costas”. Azaria, mais jovem, era socialista convicto, natural de Tel Aviv, mostrou-se mais conversador, apaixonado pela ideia de um mundo justo. Azaria começou a me contar sobre seus sonhos filosóficos, ao que Ionatan o interrompeu os devaneios filosóficos com a crueza da realidade, provocando seu amigo: “num ataque ao Exército sírio, eu e outros soldados levantamos um cadáver cortado pela



metade, acomodaram a parte da barriga para cima no banco do motorista de um jipe, com mãos no volante, e lhe enfiamos um cigarro aceso na boca. Até hoje entre nós isso é considerado uma piada da qual nos lembramos e rimos. O que seu Espinoza diria sobre isso? Que somos lixo? Animais selvagens?”. Azaria me disse: “Ionatan é mais velho, pertence a uma geração que não acredita na justiça e na paz”, ao que o amigo retrucou: “já vivi conflitos o suficiente para pensar de outra forma”. A discussão entre os dois amigos me mostrou diferentes pontos de vista no mesmo kibutz.

Os próximos encontros foram igualmente trágicos. Pois entrei num táxi e o motorista me disse, com um carregado sotaque árabe: “Meu nome é Sammy. Sim, é um nome israelense, apesar de eu ser árabe. Trabalho para sabras há anos! Mas o exército e a polícia me detêm nos *checkpoints* para inspecionar meus documentos. Alguns me chamam de árabe de merda pelas costas. Como você pensa que eu me sinto?”. Respondi: “você está sendo pessimista...” e ele não me deixou interromper: “saia já do meu táxi!”. Sammy me mostrou que judeus e árabes acusam-se mutuamente, incapazes de falarem uns com os outros, ou de se ouvirem.

Eu saí um pouco desorientado do táxi e só pude esboçar um meio sorriso. Assim encontrei-me com Simona Dadon. Ela tinha a feição séria e se incomodou com meu riso: “rindo do quê?”. E eu me desculpei: “estava rindo do motorista...”. Ela continuou: “vim do Marrocos para Israel, fiquei viúva com sete filhos. Meu marido era o Rei do Falafel, mas a morte o levou. Você ri? Eu já quis morrer num ataque de *katiusha* e meus filhos estariam abandonados à sorte. Mas eu não sou má!”

Eu não percebi a aproximação de Lucette, que me contou sua história: “Está reclamando de quê? Imigrei do Egito para cá na década de 1950 e moro num barracão doado pelo governo. Sou faxineira, e agora me chamo Levana. Nem meu nome próprio tenho mais! Meu marido me abandonou, pois ele não quis viver como um judeu marginalizado pelos *ashkenazim*. Lucette se mostrou amarga e agressiva.

Conheci outra mulher, de Nablus, na Cisjordânia. De sua janela ela me disse: “leia nossos romances! Você aprenderá muito. Leia Mahmoud Darwish! Não pense que agora você conhece o mundo árabe! Você só sabe um pouco, um punhado de grãos de areia...”. Ao sair dessa última conversa, compreendi que palestinos e israelenses são vítimas da falta de solidariedade entre si. Árabes veem israelenses como colonialistas e israelenses veem árabes como perseguidores. O que ela sugere? Ler livros? Definitivamente, que ótima sugestão! Aprender sobre outras culturas é maravilhosamente bem-vindo, mas seria a solução?

Conheci um personagem chamado Kéret. Há algumas décadas, ele estava no sul da Itália, enviando armas para o Irgun, em Israel. Ele comprava as armas da máfia siciliana. “Eram fuzis para combater os britânicos”, e completou emocionado: “que época boa!”. “Vi de tudo na Itália, heróis e mafiosos, bêbados e prostitutas”. Kéret



reconstituiu o que viveu na década de 1940, histórias fascinantes, e aprendi muita coisa. Aprendi sobre a necessidade e a dignidade humana. Sobre a busca da sobrevivência e do bem. A busca do sonho e do desejo pequeno e real. Como sua história aprendi que a realidade é bela. E de tanto ouvir nasceu uma empatia muito grande por ele, por suas rugas e sua cara marcada. E lá, na Sicília, décadas atrás, sua missão pareceu-me mais atual do que nunca. A capacidade de sentir pelo próximo é realmente o que precisamos.

Antes eu não conhecia tantos personagens da literatura israelense, muito menos os da literatura palestina. Não imaginava tamanha magia. Agora, após minha aventura literária, se é que posso conceber assim, aqui estou escrevendo sobre esses personagens: pais, mães, filhos e filhas, cada qual em sua época, novos e velhos, vivendo guerras diferentes, neste local sagrado que, apesar de possuir apenas dois nomes, possui tantos problemas e políticas obscuras.

Agora ando nas ruas, sentindo uma certa paz e alguma tranquilidade. Onde houve horrores e crueldade, imagino pessoas felizes e compassivas, rostos sorridentes desejando bom-dia em um hebraico melífluo e pela primeira vez a resposta em um árabe melodioso. Pois nessa realidade, descobri que a paz vem do interior.

Recebido em: 21/03/2018.

Aprovado em: 21/04/2018.